

UMA MULHER

Depois picavam-lhe a memória as lembranças agressivas da sua vida camponesa: quando ela, de pernas e pés nus passava dias atrás dos bois, agarrada ao arado, atirando ao ar berros ásperos que ecoavam a morrer nos montes redondos—eh cá amarelô! eh! é... é...

As tardes na fonte com graças de rapazes, os domingos alegres com os lenços novos das rapanigas e jogos no adro, aquela vida tão vizinha e pequenina, cheia de ar forte e alegria espontânea como uma fonte a correr depois duma enxurrada.

O pai e a mãe cada vez mais velhos lá longe, sob as telhas fumarentas da ceia, na casa de pedras pobres e os bois em baixo na loja que se ouvem mastigar incansavelmente.

Manhã doidas em que ela trepava às árvores a tirar ninhos. Os salgueiros do ribeiro onde se vai lavar a roupa. A aldeia a fumar de manhãzinha. Vida. Vida. Quanta coisa tinha passado sob os seus olhos! e quantas sensações os seus nervos não mexeram!

E tudo isso para chegar àquele estúpido ponto final! Tudo isso fechado dentro daquela quarto pelimtra ao lado daquele loiro de camisa de horrível cor de limão, um estranho que esteve a praticar sobre ela um acto sem sentido.

E foi por aquilo que ela pensou noites inteiras e inquietas, que se escrevem milhares de livros em verso e prosa, e que se perpetua a espécie, dando uma eternidade orgulhosa e carnal à vida do homem.

Tantos heroísmos e tantos crimes para a junção porca de dois corpos que se friccionam.

Sob a sua ânsia de fecundidade cavava o pressentimento de que o amor devia ser uma ociosidade inútil.

Tanto tempo que se perde a amar! Mas estava resolvido: atiraria o amor para fóra da sua vida: foi a primeira e última vez que se deu. Acabou-se.

Ao olhar em volta de si não sabia para onde ir, as direcções fechavam-se aos seus olhos, a sua vida estava vazia como uma cuba.

E as suas ambições, as suas ânsias de ser grande? Tudo isso para nem sequer ser feliz como os outros; assim como se sentia: insignificante e banal. E os outros?

Para a irmã, por exemplo, qual era a principal razão da vida? O amor, certamente.

Viviam as duas na mesma casa, e ela gostava de medir-lhe as alegrias. Tinha fugido

da aldeia com o homem; a mãe e o pai choraram como quando morre alguém em casa.

Dedicava todos os seus cuidados a acariciar o marido, dar-lhe de comer, tratar-lhe das camisas.

E tôdas eram assim, a mulher é um animal que vive para o amor.

E ela?

Por acaso, passou os olhos pela cama amarrotada; sentado fitando-a imbecil e admirado, o loiro de camisa cor de limão. Reparou, então, na sua excitação, nos seus gestos, nos passos nervosos com que cortava rapidamente o quarto. E lembrando de repente o que se passara entre ela e aquele homem estranho, atirou-se a elle e pô-lo na rua aos encontrões.

Passava o dia inteiro na escola infantil. Procurava encher a vida com os cuidados da sua profissão.

Mas já de há tempos sentia um vácuo dentro de si. Falta-lhe qualquer coisa importante, que tinha a certeza viria abalar-lhe a vida toda. Dormia mal, com sonhos agitados e muitas vezes acordava a gritar.

Tinha acabado de ler a «Sonata de Kreutzer» de Tolstoi, e ficara horrorosamente impressionada. Sentira o romance tanto como a música de Beethoven se sente, penetrante e voluptuosa, nascer das palavras quentes do livro. Jurara a si própria que seria sempre casta, dizia-se a cada momento que se defenderia das arremetidas de todos os homens, embora a sua vida fosse isolada e de falas masculinas apenas tivesse as do cunhado por quem começou a sentir uma certa repulção.

Na escola fazia por distrair-se, ficar até muito tarde a rir e a conversar com uma ou outra criança enquanto dispunha coisas para o dia seguinte.

Adorava aquela vida alegre: habituara-se a rir com as crianças, uma alegria infantil e sem razão, mas saudável. Adorava cada um daqueles pequeninos resumos de homens, nas suas correrias nos seus brinquedos, nos seus caprichos sérios. Gostava de os ver rir mostrando os dentinhos pequeninos e iguais, de os ver chorar, fazendo umas caretas engraçadíssimas, esfregando os olhinhos com as mãosinhas fechadas e gorduchas.

Nos seus dias tristes todos vinham rodeá-la com carícias pequeninas, como um bando de passaritos delicados. Quando algum chorava era

mais carinhosa para elle, lembrava-se de seu pai no dia em que a irmã fugiu de casa, os olhos a escorrer água, mudo como uma pedra, e pumha-se a adivinhar secretas dores morais atrás das palavras balbuciadas por aquelas minúsculas boquiastas róseas.

Em casa tinha medo de estar só; no quarto passava tardes e noites inteiras a imaginar viagens exóticas e absurdas aventuras. Sonhava que homens brutais a agarravam com umas mãos enormes e a beijavam violentamente.

A irmã vinha perguntar-lhe: estás doente?

E um dia quando um garoto de faces rosadas e alegres que ela olhava carinhosamente, a brincar na relva, caiu com a cabecinha sobre uma pedra regando o chão de sangue, no grito que saltou da sua boca maternal adivinhou o fundo da sua inquietação dolorosa: *queria um filho!*

Era o grito de todas as células da sua carne e da sua alma.

Um filho que fosse seu, saído de dentro do seu corpo, sentir a alegria soberba de tôdas as mãis: beijar um filho nascido de si, das suas dores de parto.

Nessa noite não dormiu. De manhã tinha a cabeça pesada. Na escola esteve triste tremendo a cada momento que lembrava que ia cumprir o plano feito.

Saiu mais cedo. Ele não estava lá, na tabacaria donde saía tôdas as tardes para a seguir até casa como um cão. Esperou no passeio em frente, fingindo que esperava o eléctrico.

Era quasi noite. Ele não vinha. Parecia-lhe que todos olhavam para ela e sorriam, como se adivinhassem para que estava ali.

Foi para casa. Pelas ruas fitava todos os homens com o mesmo olhar persistente e de longe em longe voltava-se para ver se a tinham ficado a olhar e se gostavam dela.

Passou outra noite sem dormir. Esperou durante o dia inteiro pela hora de sair, contando as horas uma a uma.

Saiu uns minutos mais cedo que de costume. E se elle lá não estivesse?

Ja andando num passo vago, para deixar adeantar o tempo.

Ele lá estava! à porta, com o cigarro entre os dedos e o cabelo loiro muito esticado. Quando ela ia a passar meteu-se para dentro. E se não viesse?

Dali a pouco sentiu-lhe os passos. Voltou-se e atirou-lhe

um sorriso para o encorajar.

—Se fosse mais atrevido!

Ele lá vinha como sempre, atrás dela, calado, com os olhos de poeta imbecil a catar no vago coisas invisíveis.

Ela agarrou-lhe no braço e disse com voz decidida:—venha comigo.

Sentia dentro de si a coragem duma vontade atrevida e inabalável. Subiram confusamente umas escadas, falaram com uma mulher gorda com uns largos óculos; ela fechou a porta, despiu-se atabalhoadamente, com os olhos espetados no chão, e disse agressiva e imóvel, de pé, no meio do quarto: que queres mais, seu estúpido?

Seguiu a trabalhar. Os nervos, as noites sem dormir, o cérebro sempre a arder em imagens desconhecidas, traziam-na exausta.

Quando chegava a casa, à noite, abandonava-se sobre o leito com vontade de ficar assim a descansar, para sempre até morrer, suavemente, como um fio de fumo.

Era preciso uma vontade enorme para a fazer levantar todos os dias, repetir hoje o que fez ontem, com teimosa persistência, sem um fim alegre que a chamasse de longe como um berro poderoso.

De quando em quando ao cimo da sua tristeza como nenúfares à flor das águas estagnadas dum lago, assomavam esperanças brancas de sorrisos: *o seu filho.*

Pôs-se a ler livros sobre o parto e a gestação e a cada instante apalpava o ventre. Na escola escolhia entre a pequenada o mais belo e forte e dizia para si—será como aquele.

Em casa a vida seguia igual.

Passava a maior parte do tempo sozinha no seu quarto, estendida na cama a rimar fantásticos projectos.

Ao domingo ia ao teatro com a irmã e o cunhado, muito compostos na sua felicidade simples, estúpida, medida como uma refeição que tememos nos indigestione.

Coitados ainda se tivessem um filho!

Depois, quando o seu nascesse eles querer-lhe-iam muito, seria de todos três, que alegria então naquela casa!

E o tempo que demorava a passar! E se ela não estivesse grávida? A's vezes fazia perguntas receosas à irmã e chegou a ir a um hospital informar-se com uma enfermeira.

Um dia teve indícios seguros de que estava grávida. Foi uma alegria enorme. Foi preciso ter mão em si para o não dizer à irmã, ao cunhado, aos pequeninos da escola. Tinha vontade de o gritar pelas ruas, aos que passavam, aos lojistas e aos guarda-freios dos eléctricos.

Parecia-lhe que já sentia dentro de si os movimentos do novo ser, e tinha vontade